



## **ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NOS ESPAÇOS ESCOLARES RURAIS: TENSÕES EM TEMPOS DE ATAQUE AO GÊNERO E AS SEXUALIDADES DISSIDENTES**

### ***Eixo Temático 13 - GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: NOVAS AMEAÇAS, ENFRENTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS***

Antoniél dos Santos Gomes Filho<sup>1</sup>  
Cicero Magerbio Gomes Torres<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente estudo e suas reflexões surgem nos tempos em que as Políticas da Identidade, eixo de articulação de pessoas, populações e movimentos sociais em torno das lutas por direitos e reconhecimento contra as opressões de raça, classe e gênero, e outros marcadores da diferença social estão sendo atacados por grupos políticos e sociais alinhados a extrema-direita, direita e esquerda conservadora brasileira, sob o julgo da ideia de “identitarismo”. Esse debate tem reverberações no campo educacional. Pesquisas educacionais têm mostrado que as questões de gênero e sexualidade são amplamente estudadas em espaços urbanos, ao passo que, as pesquisas em espaços rurais e/ou do campo mostram-se escassas e com diversas lacunas no que tange a compreensão das relações de gênero e sexualidade nas escolas rurais e/ou do campo. Nesse interim, o Ensino de Ciências e Biologia ganha espaço para o debate, uma vez que, já foi observado empiricamente uma tendência para o debate biomédico do gênero e da sexualidade nos espaços escolares, onde, o professor/a de ciências e biologia é “elegido” como pessoa que pode responder e sanar as dúvidas dos alunos/as. A partir destes contextos, o presente estudo tem como objetivo: apresentar uma reflexão sobre os entrelaçamentos do Ensino de Ciências e Biologia e as questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais. Pautados por um desenho metodológico de abordagem qualitativa de nível exploratório, sendo uma revisão bibliográfica. Conforme observado, as questões de gênero e sexualidade emergem nos espaços escolares rurais, e na atualidade, as notícias falsas (*fake news*) sobre a “ideologia de gênero” que estaria nas

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Regional do Cariri – Campus Bárbara de Alencar. Mestre em Educação (UFC). Mestrando em Desenvolvimento Regional Sustentável (UFCA/CNPq). Pesquisador do NEPECBio (URCA/CNPq). E-mail: antoniél.gomes@urca.br

<sup>2</sup> Professor da Universidade Regional do Cariri – Campus Pimenta. Pós-doutor (UECE) e Doutor em Educação (UFC). Líder do NEPECBio (URCA/CNPq). E-mail: cicero.torres@urca.br



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde



escolas, produzem um pânico moral nas comunidades locais e familiar, distorcendo assim as lutas por direitos e reconhecimento das pessoas, populações e movimentos LGBTQIAPN+. Outro ponto de destaque é a prevalência de uma visão biomédica em torno das sexualidades humanas, que insere o professor de ciências e biologia como sujeito conhecedor do corpo humano.

**Palavras-chave:** Políticas da Identidade. Ensino de Ciências. Escola. Espaços Rurais.

## INTRODUÇÃO

Desde a publicação do capítulo: Gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais (Gomes Filho; Torres, 2023), no livro: Perspectivas e Reflexões sobre a Educação (Oliveira, 2023), nós, autores deste manuscrito, estamos preocupados em compreender como os fenômenos e as questões de gênero e sexualidade ocorrem nos espaços escolares que estão localizados nas zonas rurais do Brasil. Recentemente, iniciamos no ano de 2025, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Regional do Cariri, no Campus Bárbara de Alencar, o desenvolvimento da pesquisa em andamento, intitulada: Relações de gênero e sexualidade em espaços escolares rurais: o que dizem os professores de ciências do município de Campos Sales-CE?, para buscar compreender como essas relações de gênero e sexualidade acontecem no município e região geográfica em que atuamos enquanto docentes e pesquisadores. Assim, o texto que segue, é parte de nossas reflexões dentro desse conjunto mais amplo de pesquisa na área de Ensino de Ciências e Biologia.

Conforme observamos, através da análise de estudos de revisão (Santana; Messias; Pinho, 2021; Furlanetto et al., 2018; Dias; Oliveira; Santos, 2018; Zerbinati; Bruns, 2017), podemos considerar que em espaços escolares rurais “[...] as questões de gênero e sexualidade são apresentadas ainda sob um olhar biomédico, onde o foco recai sob os assuntos específicos do Ensino de Ciências (sistema endócrino e reprodutivo; infecções sexualmente transmissíveis; gravidez na adolescência e meios contraceptivos).” (Gomes Filho, Torres, 2023, p. 70). Logo, observamos que o(a) professor(a) de biologia ocupa “simbolicamente” um lugar de saber que seria mais qualificado para discutir e resolver questões de gênero e sexualidade que emergem nas múltiplas relações escolares. Tal apontamento, surge justamente das representações sociais que envolvem a sexualidade a partir de um viés biomédico, que é oriundo de ideias ligadas a determinismos corporais oriundos de fatores biológicos, que podem ser

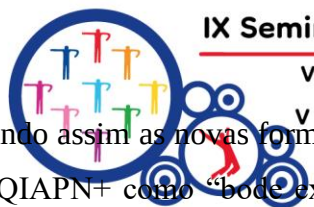
**IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**  
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde, e Sustentabilidade

debatidos e estudados na escola, o currículo escolar apresenta conteúdos sobre o corpo humano. Assim, os debates em torno da sexualidade humana se fazem presente na escola, todavia, sob a égide do discurso biologizante que não produz um olhar multidisciplinar sobre as questões de gênero e sexualidade.

Os debates, projetos e programas educacionais sobre as questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares urbanos e rurais que ultrapassam os “limites curriculares permitidos”, são alvo de ataques e notícias falsas (fake news) de grupos políticos e sociais alinhados a extrema-direita, direita e esquerda conservadora brasileira. Esses ataques e fake news são responsáveis por produzir um pânico moral na sociedade, que reverbera nas atividades docentes, uma vez que “[...] há nos professores/as um medo e/ou receio de apresentar tais temáticas nas aulas, já que houve um aumento do conservadorismo (muitas vezes reacionários) por uma parte da população após as eleições de 2018.” (Gomes Filho, Torres, 2023, p. 69-70).

A partir destes contextos contemporâneos brasileiros que envolvem os espaços escolares rurais e o Ensino de Ciências e Biologia, bem como, as tensões sociais, em especial para com as pessoas, populações e movimentos sociais que lutam por direitos civis e sociais para os dissidentes de gênero e sexualidade, interseccionados com a raça e a classe, o presente estudo tem como objetivo: apresentar uma reflexão sobre os entrelaçamentos do Ensino de Ciências e Biologia e as questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais. Para tal, compreendemos que a pesquisa de abordagem qualitativa, de nível exploratório, e, de tipo bibliográfica é a que melhor nos ajuda a compreender os fenômenos sociais estudados (Robaina et al., 2021). A pesquisa bibliográfica conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 131), tem por objetivo “[...] elaborar a contextualização da pesquisa e seu embasamento teórico [...]”, sendo está por sua vez um tipo específico de pesquisa. Como apontou Severino (2013, p. 106), na pesquisa de tipo bibliográfica o pesquisador(a) “trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.”. Assim, o trabalho empreendido por nós nesta pesquisa é um trabalho analítico de pesquisas anteriores já publicadas sobre o tema central da pesquisa (Ensino de Ciências e Biologia e as questões de gênero e sexualidade), para em seguida, buscar novas correlações com uma temática emergente (ataques públicos ao gênero e sexualidade) no contexto contemporâneo.

O estudo mostra sua importância acadêmica, ao passo que amplia os debates sobre as questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais brasileiros,



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



analisando assim as novas formas de pensar, saúde e sustentabilidade as pessoas e populações LGBTQIAPN+ como “bode expiatório” para camuflar os reais motivos de problemas sociais. As ideias que embasam o estudo estão organizadas da seguinte forma: além desta introdução, apresentamos inicialmente um breve debate conceitual sobre: Ensino de Ciências e Biologia nos espaços escolares rurais e do campo; em seguida discutiremos a partir de pesquisas brasileiras a Formação de Professores de Ciências e Biologia e as questões de gênero e sexualidade; finalizamos o debate teórico discutindo: os ataques aos dissidentes de gênero e a sexualidade no Brasil. Nas considerações finais, apresentamos nossas impressões sobre como os ataques aos dissidentes de gênero e a sexualidade tem chegado a escola e impactado o trabalho intelectual e pedagógico de professores(as) no país.

### **ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NOS ESPAÇOS ESCOLARES RURAIS E DO CAMPO**

Pensar o Ensino de Ciências e Biologia nos impele pensar uma série de questões que envolvem processos de ensino e aprendizagem nos espaços escolares e seus atores: alunos(as) e professores(as). Roden e Ward (2009), destacam que o ensino de ciências nas escolas está para além da formação de futuros cientistas. As ciências no âmbito escolar deve ser o meio para uma formação que proporcione um letramento científico, que ajude o sujeito a conviver no âmbito social e do trabalho. As autoras lembram que: “[...] a ciência ensinada na escola proporciona uma oportunidade para a discussão e para o compartilhamento de ideias [...]” (Roden; Ward, 2009, p. 15) entre os alunos(as), um processo fundamental que encontra cada vez mais desafios para sua efetivação, uma vez que, crianças e adolescentes estão cada vez mais em frente as telas de computadores, tablets e smartphones (Tana; Amâncio, 2023).

Pozo e Crespo (2009, p. 15), falam sobre uma “crise da educação científica”, já que cada vez mais, os alunos(as) “aprendem cada vez menos e têm menos interesse pelo que aprendem.”. Interessante observar que os autores apontam uma posição passiva dos alunos(as) em relação as ciências, desse modo, tendem a construir uma representação da ciência e do fazer científico como algo que não lhes é possível, sendo as atividades científicas restritas aos cientistas que é “[...] alguém vestido com um avental branco manipulando aparelhos em um laboratório [...]” (Pozo; Crespo, 2009, p. 18).



Nas produções internacionais de Gênero, Saúde e Direitos Humanos, respectivamente, vemos, portanto, que a ciência tem sido vista no espaço escolar como uma atividade que está muitas vezes deslocada das realidades dos alunos(as) e do cotidiano escolar. Todavia, quando observamos as publicações brasileiras mais recentes (Araújo, 2021; Cerqueira; Mendes, 2024; Silva; Oliveira Júnior, 2024; Oliveira Júnior; Brito, 2025), observamos que há um reconhecimento das dificuldades dos processos de ensino e aprendizagem de ciências e biologia (Barros, 2021), mas, tem-se buscado superar esses “desafios” através de novas práticas de instrumentalização que possam atender os mais diversos espaços escolares, incluindo os espaços escolares rurais e do campo.

Os espaços escolares rurais e do campo são territórios “[...] atravessados por questões culturais e especificidades socioeconômicas que atravessam as escolas do campo, o currículo local e as práticas docentes.” (Gomes Filho; Torres; Lavor Filho, 2023, p. 14). Como aponta Caldart (2012, p. 259), a educação do campo é um conceito em construção, e uma categoria de análise “[...] da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo, mesmo as que se desenvolvem em outros lugares e com outras denominações.”. Desse modo, quando versamos sobre a educação em espaços escolares rurais, partimos de uma compreensão territorial presente no país. Quando observamos as zonas rurais brasileiras que possuem escolas, em sua maioria estão vinculadas as Secretarias de Educação dos municípios, que produzem políticas públicas educacionais que visam as escolas urbanas e rurais. Esse processo de generalização, acaba que por deixar de lado as particularidades das zonas rurais, o que gera um não reconhecimento das pessoas que vivem nas zonas rurais.

Batista e Euclides (2020), no artigo: *Os sujeitos da educação do campo e a questão do (re)conhecimento*, mostra que se faz necessário um novo paradigma educacional, que rompa com preconceitos e estereótipos sobre o campo e as zonas rurais, vistas historicamente como atrasadas. Assim, os espaços rurais e do campo são “[...] espaço de criação e diversidade, produtor de cultura, conhecimento, bem como modos de vida” (Batista; Euclides, 2020, p. 15). O reconhecimento dessa diversidade apresenta o campo como um “território plural”, onde os sujeitos(as) que lá estão produzem formas culturais que devem ser inseridas na educação, como reforçam os autores, são “outras pedagogias” que reforçam os modos de vida social e cultural dos sujeitos do campo. Portanto, deve-se reconhecer que as questões de gênero e sexualidade estão nos espaços escolares rurais e do campo.





**IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**  
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Como destacado na introdução, no capítulo de livro: *Gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais* (Gomes Filho; Torres, 2023), apontamos que as questões de gênero e sexualidade constitui um tema emergente nas escolas rurais e do campo. Nesse contexto, a figura do professor(a) toma centralidade, como sujeito que deve solucionar os “problemas” que emergem na escola. Assim, acreditamos que seja necessário pensar os contextos de formação de professores de ciências sobre as questões de gênero e sexualidade no Brasil.

Figueiredo e Sousa (2016), apontam a figura do(a) professor(a) como agentes ativos dos debates sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, como forma de reconhecer as diferenças. Os pesquisadores destacam que o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, apresenta um destaque no que tange o reconhecimento de tais questões, que são debatidas no âmbito da formação em contextos “[...] precários, marcados por um viés cartesiano que fragmenta e dissecar o corpo em partes isoladas, focando os aspectos apenas biológicos normativos e essencialistas, sem contextualização sociocultural.” (Figueiredo; Sousa, 2016, p. 1763).

Silva *et al.* (2024, p. 896), seguindo o debate, aponta que os tabus em torno das questões de gênero e sexualidade na sociedade brasileira, produz uma “[...] ausência de debates contemporâneos nos processos formativos [...]”, tanto na educação básica, quanto na educação superior, especialmente nas licenciaturas. Feitosa e Torres (2025), reforçam a percepção de déficit em relação as questões de gênero e sexualidade na formação inicial e ampliam o debate para a formação continuada, onde segundo os pesquisadores essa lacuna de formação “[...] impacta diretamente a prática docente, manifestando-se em comportamentos que perpetuam discriminação, estigmatização e uma comunicação ineficaz em relação às diversidades de gênero e sexualidade presentes nas escolas.” (Feitosa; Torres, 2025, p. 1325-1326).

Figueiredo (2021, p. 2259), aponta que aos professores(as) de biologia “[...] é delegada a eles/as a tarefa de discutir assuntos relacionados aos sistemas genitais e sexualidade, pois são percebidos como “conteúdos programáticos” dessas disciplinas.”. Desse modo, a formação para as ciências e biologia deve abarcar as questões de gênero

**IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**  
**V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade**  
**V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**

e sexualidade, tanto no âmbito pessoal, social e cultural, gerando assim sentidos e significados para os alunos(as).

A recente revisão integrativa de Santos, Rocha e Medeiros (2024), apresenta um panorama da formação de professores da educação básica brasileira sobre gênero e sexualidade. Os artigos analisados por Santos, Rocha e Medeiros (2024, p. 326), apontam que a formação continuada é fundamental para “[...] a promoção de uma educação mais inclusiva e para o enfrentamento das resistências encontradas na discussão de sexualidade e gênero nas escolas.”. Como visto, há processos de resistência no que tange os debates sobre gênero e sexualidade nos espaços escolares, em especial, por conta de ataques públicos as pessoas e movimentos sociais LGBTQIAPN+ que tem ocorrido no Brasil nos últimos anos, sendo esse fenômeno analisado a seguir.

## **OS ATAQUES AOS DISSIDENTES DE GÊNERO E A SEXUALIDADE NO BRASIL**

Um conjunto de pesquisadores(as) brasileiros(as) tem demonstrado que há uma onda conservadora na sociedade brasileira, e este conservadorismo oriundo de grupos de extrema-direita e direita está cada vez mais presentes nos espaços escolares (Prado; Correa, 2018; Santos; Mottin; Silva, 2022; Silva; Lage, 2022; Tolentino; Almeida, 2023; Sartori, 2023; Dalmaso-Junqueira; Rojas; Lima, 2024; Gomes Filho, 2024; Sousa; Chaves, 2025; Lacerda; Finco, 2025).

Conforme Gomes Filho (2024), as configurações do mundo ocidental após a primeira eleição de Donald Trump (2017-2021) nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro (2019-2021) no Brasil, consolidou um período de populismos da extrema-direita e o conservadorismo de direita foi fortalecido no âmbito social. No caso brasileiro, o pesquisador aponta para a criação de Pânicos Morais em torno das ideias de “[...] retorno ao comunismo, que teria ocorrido no país entre os anos de 1950-60; junta-se a esse processo, os aspectos das mídias digitais em torno de informações falsas (*fake news*) em torno do “Kit Gay” que seria distribuído nas escolas públicas [...]” (Gomes Filho, 2024, p. 15). Prado e Correa (2018, p. 445), apontam que esta onda conservadora vem formando-se desde o início da segunda década do século XX. Como (d)escrevem:



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

Originadas em gênero, sexualidade e sustentabilidade, as são hoje decididamente ecumênicas, mesmo quando o perfil de sua composição possa variar entre países. Embora em toda parte envolvam grupos religiosos cristãos, há movimentações que se articulam com outros grupos e organizações reacionárias e ultraconservadoras como partidos de extrema direita, colégio de pediatras anti-direitos LGBTI, grupos de psiquiatras e psicólogos/as que defendem as chamadas terapias de reversão da homossexualidade e a manutenção de categorias patologizantes para nomear a experiência de pessoas trans e intersexuais, ginecologistas que são contra o aborto, pedagogos que repudiam a educação sexual, juristas e operadores de justiça que preconizam concepções ortodoxas do direito, mas também vozes de esquerda, psicanalistas e psicólogas, como também grupos feministas marcam a heterogeneidade das articulações desta ofensiva. (Prado; Correa, 2018, p. 446).

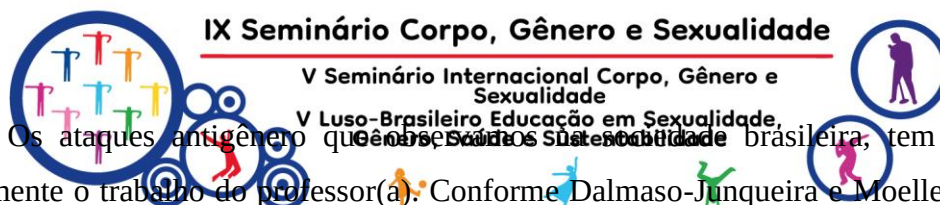


Prado e Correa (2018), cirurgicamente apontam para os ataques aos movimentos, comunidades e pessoas LGBTQIAPN+ como alvo dos grupos conservadores de extrema-direita e direita no mundo ocidental. As LGBTQIAPN+ portanto, são o “bode expiatório” para produzir um pânico moral na sociedade brasileira e assim desmontar políticas públicas de inclusão, diversidade e promoção da igualdade no país (Gomes Filho, 2024).

No campo educacional, Santos, Mottin e Silva (2022), Tolentino e Almeida (2023), Dalmaso-Junqueira, Rojas e Lima (2024) e Sousa e Chaves (2025), apresentam em suas pesquisas a chamada “Agenda Antigênero”, que tem chegado fortemente no espaço escolar. O conjunto de discursos públicos e privados, por parte de religiosos conservadores, de políticos de extrema-direita, e, direita e esquerda conservadora, e, de grupos midiáticos de direita que encontram apoio em grupos de médicos e juristas que produzem argumentos discursivos que distorcem e atacam os dissidentes de gênero e sexualidade no âmbito individual, e, as Políticas da Identidade, que buscam promover a inclusão e o respeito a multiplicidade sexual em âmbito coletivo/social.

A pesquisa de Lacerda e Finco (2025, p. 35), intitulada: *Literaturas infantis e a educação infantil no centro da cruzada antigênero*, nos mostra as “[...] ofensivas conservadoras antigênero na educação das crianças, a partir de episódios polêmicos envolvendo a tentativa de censura de livros de literatura infantil no contexto de escolas da região metropolitana de São Paulo.”. Conforme as pesquisadoras, há no país um crescimento de grupos antigênero que distorcem os conceitos e usos do termo gênero no campo social, que “[...] repudiam a ideia da inclusão de discussões sobre a diversidade de gênero em pautas educativas [...]” (Lacerda; Finco, 2025, p. 37).





Os ataques antigênero que ocorrem nos sistemas de ensino brasileira, tem afetado diretamente o trabalho do professor(a). Conforme Dalmazo-Junqueira e Moeller (2024, p. 8), um dos componentes da Agenda Antigênero para com os professores(as) é a “[...] perseguição, censura e demissões de docentes por ensinarem conteúdo supostamente “ameaçador”, incluindo casos de violência digital, filmagens e compartilhamento de dados não autorizados.”. Desse modo, os(as) professores(as) vivem sob um constante policiamento de suas atividades, até quando os conteúdos de suas aulas estão amparados nas políticas curriculares oficiais. Esse cenário que produz condições adversas ao trabalho docente tem gerado adoecimento físico e psíquico, bem como, o uso de psicofármacos por docentes no país, como mostrou Brandão *et al.* (2025).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo buscamos apresentar uma reflexão sobre os entrelaçamentos do Ensino de Ciências e Biologia e as questões de gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais. Também apresentamos: os ataques aos dissidentes de gênero e a sexualidade por parte dos movimentos antigênero que tem crescido no Brasil. Logo, podemos considerar a partir do conjunto bibliográfico analisado neste estudo:

- Os espaços escolares rurais e/ou do campo apresentam particularidades nos contextos territoriais e culturais, devendo, portanto, serem conhecidos e reconhecidos educacionalmente. Nesse contexto, emerge as questões de gênero e sexualidade que devem ser acolhidas e pensadas no conjunto dos saberes escolares no campo biológico, não de modo reducionista, mais sim, de modo interdisciplinar e dialógico.
- Há uma percepção social e educacional que o(a) professor(a) de biologia é a pessoa que deve conversar sobre as questões da sexualidade humana, uma vez que, há em sua formação inicial uma série de conteúdos que versam sobre os processos biológicos, anatômicos e comportamentais da reprodução animal. Essa percepção coletiva, produz no ambiente escolar um debate sobre sexualidade humana pautada apenas nos aspectos biológicos, presentes nos programas curriculares oficiais. Desse modo, conforme a literatura analisada,



**IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**  
 V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
 V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

muitas vezes o(a) professor(a), também, pode ampliar o debate para entrelaçar questões sociais e culturais que envolvem o gênero e a sexualidade humana. Logo, se consolida um viés biomédico em relação a sexualidade humana no âmbito escolar.

- Os ataques aos movimentos, comunidades e pessoas dissidentes de gênero e sexualidade (LGBTQIAPN+) por parte de grupos de extrema-direita, direita e esquerda conservadoras, são uma realidade na sociedade brasileira. A chamada “Agenda Antigênero” tem buscado desmontar as políticas públicas que buscam promover a inclusão e o respeito a multiplicidade sexual em âmbito coletivo/social, em especial no âmbito educacional.
- Os grupos antigênero tem afetado diretamente o trabalho do professor(a), pois, observamos no país casos de perseguição, demissões e ameaças<sup>3</sup> a integridade física de professores(as) nas escolas. Nestes casos, vemos como há uma distorção do conceito de gênero e a perpetuação de um pânico moral que tem como alvo as pessoas LGBTQIAPN+. Esses eventos que geram condições adversas ao trabalho docente têm gerado adoecimento físico e psíquico dos professores(as) brasileiros(as).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Josiney Farias de. (Org.). **Ensino de ciências: diálogo entre saberes e práticas**. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

BARROS, Maria de Lourdes Teixeira. O DESAFIO DA INTERDISCIPLINARIDADE PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS. In: ARAÚJO, Josiney Farias de. (Org.). **Ensino de ciências: diálogo entre saberes e práticas**. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

BRANDÃO, Rita Viviane de Castro. et al. Motivações associadas ao uso de psicofármacos por professores: uma revisão da literatura. **Revista Ciência Plural**, v. 11, n. 1, p. 1-13, 2025.

<sup>3</sup> Sobre ameaça aos professores(as) no Brasil ver: Brasil é um dos países com o maior número de ameaças e violência contra professores? Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/videos/16723\\_brasil-e-um-dos-paises-com-o-maior-numero-de-ameacas-e-violencia-contraprofessores-21.html](https://cultura.uol.com.br/videos/16723_brasil-e-um-dos-paises-com-o-maior-numero-de-ameacas-e-violencia-contraprofessores-21.html)



CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo. In: CALDART, Roseli Salette. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CERQUEIRA, Iago Lima; MENDES, Maricleide Pereira de Lima. As práticas pedagógicas para o ensino de ciências na educação do campo: uma revisão de literatura. **Educação & Formação**, v. 9, 2024.

CORREA, Sonia; PRADO, Marco Aurélio Máximo. Retratos transnacionais e nacionais das cruzadas antigênero. **Revista Psicologia Política**, 2018.

DALMASO-JUNQUEIRA, Bruna.; ROJAS, María Teresa.; LIMA, Iana Gomes de. Agenda Antigênero na Educação: análise relacional comparada do Brasil e do Chile. **Retratos da Escola**, v. 18, n. 42, 2024.

DALMASO-JUNQUEIRA, Bruna; MOELLER, Kathryn. Um quadro analítico para teorizar a agenda antigênero na educação. **Education Policy Analysis Archives**, v. 32, n. 60, 2024.

DIAS, Alfrancio Ferreira; DE OLIVEIRA, Danilo Araujo; DE SANTANA SANTOS, Madson. Uma revisão sistematizada da produção do conhecimento sobre corpo, gênero, sexualidades na educação. Universidade Federal da Paraíba. **Revista Temas em Educação**, v. 27, n. 2, p. 119, 2018.

FEITOSA, Rita Celiane Alves.; TORRES, Cicero Magerbio Gomes. Reflexões sobre gênero e sexualidade na formação continuada de professores. In: Formação de professores, v. 3, 2025. Doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.074

FIGUEIREDO, Roniel Santos. FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA AS DISCUSSÕES DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE. **Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnologia**, v. Extra, p. 2259-2264, 2021.

FIGUEIREDO, Roniel Santos.; SOUZA, Marcos Lopes de. Gênero e Sexualidade: diálogos na formação de licenciandos/as em Ciências Biológicas. **Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnologia**, v. especial, p. 1762-1767, 2016.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de pesquisa**, v. 48, p. 550-571, 2018.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. A homossexualidade como narrativa de pânico moral no Brasil. In: LIMA, Solimar Oliveira.; BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira.; SILVA, Marcos Antonio Ângelo da. (Orgs.). **LGBTQIAPN+: Enlaçamentos**. Teresina: EDUFPI, 2024.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; TORRES, Cícero Magerbio Gomes. Gênero e sexualidade nos espaços escolares rurais. In: OLIVEIRA, Habyhabanne Maia (Org.). **Perspectivas e Reflexões sobre a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023.



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



GOMES FILHO, Antonel dos Santos; TORRES, Gicero Magerbio Gomes; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas. Ensino de Ciências em territórios e espaços rurais e do campo no Brasil. In: Oliveira, Habyhabanne Maia(Org.). **Desafios contemporâneos na Educação: Uma visão interdisciplinar**. Campina Grande: Licuri, 2023.

LACERDA, Priscila Bispode.; FINCO, Daniela. Literaturas infantis e a educação infantil no centro da cruzada antigênero. **Revista Estudos Culturais**, v. 2, n. 9, 2025.

OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de; BRITO, Rafael Casaes de. (Orgs.). **A educação para as relações étnico-raciais no ensino de ciências e biologia: possibilidades didático-pedagógicas para a Escola Básica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

OLIVEIRA, Habyhabanne Maia. (Org.). **Perspectivas e reflexões sobre a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023.

POZO, Juan Ignacio.; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROBAINA, José Vicente Lima. et al. (Org.). **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação em ciências**. Curitiba, PR: Bagai, 2021.

RODEN, Judith.; WARD, Hellen. O que é ciência?. In: WARD, Hellen. et al. **Ensino de ciências**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

SANTANA, Clara Gomes; MESSIAS, Franciele Reis; PINHO, Maria Jose Souza. Gênero, sexualidade e escola: o que e quem tem pesquisado na educação básica?. **Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão (RevNUPE)**, v. 1, n. 1, p. e202106-e202106, 2021.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos.; MOTTIN, Karina Veiga.; SILVA, Amanda da. As Cruzadas antigênero, antifeminismo, resistências e a disputa pela educação. **Dialogia**, n. 41, p. e22300-e22300, 2022.

SANTOS, Tiago Zeferino dos.; ROCHA, Luciano Daudt da.; MEDEIROS, Natanael de. Formação de professores em gênero e sexualidade na educação básica: uma revisão integrativa. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 33, n. 2, 2024.

SARTORI, Thiago Luiz. Ofensiva reacionária antigênero: Uma revisão de literatura sobre ideologias de gênero no Brasil do século XXI. **SCIAS. Direitos Humanos e Educação**, v. 6, n. 1, p. 156-170, 2023.



SILVA, Joaklebio Alves da.; OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar Borges de. (Orgs.).

**Formação docente e educação em Ciências da Natureza [livro eletrônico]:**

dimensões teóricas, práticas e políticas. Tutóia, MA: Editora Lupa, 2024.

SILVA, Marciano Antonio da.; LAGE, Allene Carvalho. A ofensiva antigênero e os ataques às pesquisas no campo das humanidades: retomada da caça às bruxas?. **Revista de Educação Popular**, v. 21, n. 3, 2022.

SILVA, Renata Maria da. *et al.* A disciplina Educação Sexual no currículo do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Regional do Cariri–URCA: implicações para a formação inicial docente. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 17, n. 2, 2024.

SOUSA, Sandra Novais; CHAVES, Nathália Rodrigues. Educação, gênero e sexualidade: a formação inicial e os desafios para superar o conservadorismo. **Revista NUPEM**, v. 17, n. 40, 2025.

TANA, Caroline Mundim; AMÂNCIO, Natália de Fátima Gonçalves. Consequências do tempo de tela na vida de crianças e adolescentes. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, p. e11212139423-e11212139423, 2023.

TOLENTINO, Hêlvio Pires.; ALMEIDA, Júlia Maria Costa de. O discurso antigênero e a fórmula “ideologia de gênero”. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 17, n. 37, p. 268-287, 2023.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. Sexualidade e Educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Travessias**, v. 11, n. 1, p. 76-92, 2017.